

Quando o silêncio vira meme: a necroalgoritmização e o audismo algorítmico

When silence becomes a meme: necroalgorithmization and algorithmic audism

Júlio Araújo  

araujo@ufc.br

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Bruno Carioca  

bruno06carioca@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil

Resumo

Este artigo propõe o conceito de audismo algorítmico como ferramenta analítica para compreender como a fonocentralidade atua nos regimes de visibilidade das plataformas digitais. A partir da noção de necroalgoritmização (Araújo, 2025a), investigamos de que modo algoritmos reproduzem e intensificam exclusões dirigidas à comunidade Surda. O estudo ancora-se em abordagens críticas do discurso (Fairclough, 2001; Pennycook, 2006) e analisa a paisagem linguístico-semiótica do Instagram, com ênfase na circulação pejorativa do termo “mudinho”. A metodologia consistiu em análise crítica de enunciados multimodais, emojis, legendas e imagens, que revelam práticas de escárnio e silenciamento, articuladas a mecanismos de curadoria algorítmica. Os resultados evidenciam que as práticas do audismo algorítmico não são neutras, mas performam exclusões naturalizadas, transformando o riso viral em ferramenta de desumanização. Argumenta-se que o audismo algorítmico integra uma estética da necroalgoritmização, operando como dispositivo de poder que delimita os regimes do dizível e invisibiliza corpos Surdos. Concluímos que nomear esse fenômeno amplia os Estudos Críticos da Linguagem e contribui para a promoção de justiça epistêmica, reconhecendo a pluralidade das linguagens humanas, suas estéticas dissidentes e modos legítimos de existência. os objetivos, referencial teórico, metodologia, análise e conclusões.

Palavras-chave

Audismo Algorítmico. Necroalgoritmização. Linguagem e Exclusão. Surdez. Justiça Epistêmica.

Abstract


This article introduces the concept of algorithmic audism as an analytical tool to understand how phonocentrism operates within the regimes of visibility of digital platforms. Building on the notion of necroalgorithmization (Araújo, 2025a), we investigate how algorithms reproduce and intensify exclusionary practices directed at the Deaf community. Anchored in critical discourse approaches (Fairclough, 2001; Pennycook, 2006), the study analyzes the linguistic-semiotic landscape of Instagram, with particular attention to the pejorative circulation of the term “mudinho” (literally “little mute”). The methodology involved a

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 27/07/2025

Aprovação do trabalho: 03/11/2025

Publicação do trabalho: 09/12/2025

 10.46230/lef.v17i3.16165

COMO CITAR

ARAÚJO, Júlio; CARIOCA, Bruno. Quando o silêncio vira meme: a necroalgoritmização e o audismo algorítmico. **Revista Linguagem em Foco**, v.17, n.3, 2025. p. 188-209. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/16165>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

critical analysis of multimodal utterances – including emojis, captions, and images – that reveal practices of mockery and silencing, articulated with algorithmic curation mechanisms. The findings demonstrate that these practices are not neutral; rather, they perform normalized exclusions, transforming viral laughter into a tool of dehumanization. We argue that algorithmic audism constitutes part of an aesthetic of necroalgorithmization, functioning as a power device that delimits regimes of sayability and renders Deaf bodies invisible. We conclude that naming this phenomenon broadens the scope of Critical Language Studies and contributes to the promotion of epistemic justice by recognizing the plurality of human languages, their dissident aesthetics, and their legitimate modes of existence.

Keywords

Algorithmic Audism. Necroalgorithmization. Language and Exclusion. Deafness. Epistemic Justice.

Introdução

Ao se deparar com o termo *audismo*, o leitor menos familiarizado com os debates sobre deficiência e linguagem poderá, num primeiro impulso, acreditar tratar-se de um erro de digitação. Afinal, *audismo* e *autismo* compõem, no plano fonológico, um interessante par mínimo, distinguindo-se por apenas um fonema, o que favorece um desvio automático de leitura. Mas não: você leu com *d* mesmo. E se ainda se encontra “bugado”, para usar uma gíria digital que traduz o espanto diante do incompreensível, não se preocupe. Nem o Google, esse oráculo de relevâncias estatísticas, nem as IAs generativas, que mais reproduzem padrões do que os explicam, oferecerão respostas satisfatórias. É neste artigo e não nos algoritmos, que propomos pistas para elucidar as camadas políticas e discursivas do que chamamos aqui de *audismo algorítmico*¹, um conceito que se entrelaça ao de *necroalgoritmização* (Araújo, 2025a), do qual se apresenta como desdobramento específico.

Entendemos o *audismo* como a prática sistemática de imposição da lógica ouvinte sobre corpos e subjetividades Surdas, negando-lhes reconhecimento pleno por não partilharem da experiência sinestésico-sonora dominante. Trata-se de uma cosmovisão fonocêntrica que marginaliza o que escapa à lógica do som, promovendo uma forma persistente de colonização ouvinte. Essa opressão não apenas reduz a surdez à ausência de audição, como também silencia o direito à diferença, apagando a existência de uma língua, uma cultura e uma identidade, no caso brasileiro, a Libras e a comunidade Surda.

A grafia *Surdo*, com inicial maiúscula, é, nesse contexto, um gesto político-

1 A formulação do conceito de *audismo algorítmico* insere-se na pesquisa de doutorado em curso do segundo autor. As proposições iniciais buscam articular o audismo ao contexto digital, com especial atenção às maneiras pelas quais práticas audistas se atualizam e se reconfiguram nas lógicas algorítmicas de plataformas como o Instagram.

-discursivo de afirmação identitária. Ao contrário, a grafia em minúsculas tende a reforçar a leitura patologizante da surdez, desconsiderando as dinâmicas culturais e linguísticas que compõem essa experiência. Esse detalhe gráfico, aparentemente banal, é uma das muitas formas por meio das quais o audismo se infiltra no tecido da linguagem e das tecnologias.

A história desse apagamento, contudo, não começa hoje. Em 1880, durante o Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em Milão, decretou-se a supremacia da oralização e proibiu-se o uso das línguas de sinais nas escolas. Sob o pretexto de inclusão, institucionalizou-se uma política de assimilação violenta, que comprometeu por mais de um século o direito das comunidades Surdas à sua própria língua. Essa lógica de exclusão, alicerçada em ideais de normalização e apagamento, atravessou gerações, mas não permaneceu inalterada. Apesar dos avanços institucionais recentes, como o reconhecimento da Libras, sua presença nas escolas e universidades e a emergência dos Estudos Surdos, práticas de invisibilização continuam a operar, agora reconfiguradas pelas engrenagens dos sistemas algorítmicos.

É nesse cenário que propomos o conceito inédito de *audismo algorítmico* como proposta interpretativa para compreender como sistemas digitais, especialmente os algoritmos das plataformas, reiteram, atualizam e naturalizam visões fonocêntricas de mundo. Nosso objetivo é analisar criticamente como práticas audistas são reproduzidas nos ambientes digitais por meio de processos algorítmicos que silenciam, estigmatizam ou distorcem as representações sobre a comunidade Surda. Portanto, a pergunta que orienta esta investigação é: de que modo os algoritmos operam formas de exclusão que atualizam, no plano digital, a matriz histórica do audismo?

Para responder a essa questão, tomamos como corpus um recorte da paisagem linguístico/semiótica digital (Shohamy; Gorter, 2009; Blommaert, 2015; Azari, 2018; Maly; Blommaert, 2019) no Instagram, focalizando especificamente o uso do termo pejorativo “mudinho”. Essa escolha empírica nos permite observar como as plataformas mediadas por algoritmos promovem silenciamentos sistemáticos sob a aparência de neutralidade técnica. Ao propor o conceito de *audismo algorítmico*, buscamos contribuir para os estudos críticos da linguagem, ampliando os debates sobre exclusão, tecnologia e justiça epistêmica a partir de uma perspectiva interseccional, situada e politicamente engajada.

1 A necroalgoritmização

Vivemos sob o signo de uma era governada por lógicas algorítmicas que não apenas organizam fluxos de informação e consumo, mas também administram, de modo opaco e desigual, os acessos à visibilidade, ao reconhecimento e, em última instância, à própria condição de existir. Neste contexto, Araújo (2025a) propõe compreender a necroalgoritmização como um conceito que emerge da articulação entre a necropolítica de Achille Mbembe (2018) e o funcionamento dos sistemas algorítmicos digitais. Trata-se de uma dinâmica em que algoritmos não são apenas classificadores neutros, mas operadores de seleção e silenciamento que, em escala global, decidem quem pode ser visto, ouvido, lembrado ou esquecido.

Como aponta Araújo (2025a), a necroalgoritmização não se resume a um efeito técnico de exclusão, mas à materialização de uma política de morte simbólica que atua por meio da supressão de identidades, narrativas e presenças sociais nos espaços digitais. De acordo com o autor, “a necroalgoritmização [...] opera de maneira interseccional, afetando simultaneamente várias comunidades” (Araújo, 2025a, p. 70) na medida em que os seus efeitos se fazem sentir mais fortemente entre as chamadas maiorias minorizadas (Santos, 2020).

Assim como um tsunami silencioso que avança pelas margens sem pedir licença, a necroalgoritmização se propaga em ondas sucessivas, devastando territórios sociais diversos e atingindo corpos e subjetividades historicamente vulnerabilizados. Como mostra Araújo (2025a), seu rastro atravessa grupos racializados, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, crianças, povos indígenas, populações periféricas, pessoas idosas, pessoas com deficiência e, como destacamos neste trabalho, a comunidade Surda.

Essa destruição não se dá por uma exclusão frontal e declarada, mas por uma *inclusão-excludente*: todos parecem convidados a adentrar o oceano digital, mas apenas alguns têm suas línguas, formas de comunicação e estéticas legitimadas e visibilizadas. O resultado é uma violência sutil, porém profunda, um movimento que naturaliza silenciamentos e hierarquias no exato espaço em que se proclama abertura e universalidade. Como assinala García-Canclini (2021), habitamos uma era marcada por uma assimetria brutal: de um lado, a opacidade impenetrável dos algoritmos; de outro, a exposição radical e transparente dos sujeitos que neles habitam.

Nesse regime de dados, a inclusão se torna performance, enquanto a exclusão se oculta sob códigos, pesos estatísticos e invisibilidades calculadas. A necroalgoritmização é, portanto, o pano de fundo sobre o qual se inscrevem dife-

rentes formas de silenciamento necropolítico, entre elas o audismo algorítmico, que examinamos na seção seguinte.

2 O audismo como expressão necroalgorítmica

O conceito de audismo surge a partir da reflexão pioneira de Tom Humphries em sua tese de mestrado defendida na Universidade de Cincinnati, em 1975. Naquele momento, Humphries buscava nomear uma experiência difusa, mas recorrente, vivida por pessoas surdas: a sensação de inferiorização sistemática diante da hegemonia da cultura ouvinte. Ao cunhar o termo, o autor estabelece um marco fundamental para os estudos surdos, pois inaugura um vocabulário crítico capaz de nomear e, portanto, problematizar uma forma específica de opressão. Humphries (1975, p. 1, tradução nossa²) descreve assim o momento em que cria a palavra audismo:

Certa vez, percebi a necessidade de criar uma palavra em inglês que designasse, para as pessoas surdas, o que o termo “racism” representa para as pessoas negras. Após consultar alguns amigos sobre diversas possibilidades, decidi pelo termo audismo [audism], derivado do latim *audire* (“ouvir”). Considero que a definição de audismo poderia ser apresentada em um dicionário nos seguintes termos: audismo [audism] (ô-diz-m) s. *Concepção segundo a qual alguém se considera superior com base em sua capacidade de ouvir ou em seu comportamento semelhante ao de quem ouve.* A partir de audismo [audism], deriva-se o termo audista [audist], cujo significado é autoexplicativo. Ao cunhar essa palavra, senti-me imediatamente confortado por sua existência (Destaques do autor, colchetes nossos).

Essa passagem evidencia dois aspectos centrais. Em primeiro lugar, mostra o gesto político de nomear uma opressão até então invisibilizada, gesto que, como o próprio autor afirma, traz alívio e sentido de agência para aqueles que a vivenciam. Em segundo lugar, o trecho indica a força crítica do conceito, que

2 Tradução livre de: “The other day I experienced a need to have an English word that is to deaf people what “racism” is to Black people. After some consultation with friends about various possibilities, decided on the word audism from the Latin “audire” (to hear). I think the definition of audism might be listed in a dictionary as: audism (ô diz m) n. The notion that one is superior based on one’s ability to hear or behave in the manner of one who hears. From audism we can derive “audist” which needs no explanation. Having coined this is word, I immediately felt for it. (Humphries, 1975, p. 1)

rapidamente extrapolou o contexto original dos estudos Surdos para se tornar categoria analítica em debates sobre discriminação, identidade e direitos linguísticos. Mais adiante em seu trabalho, Humphries aprofunda a definição inicial e explicita a natureza múltipla e relacional do audismo. Ao questionar-se sobre o que seria, afinal, esse fenômeno, o autor afirma:

O que é o audismo? Trata-se do viés e do preconceito das pessoas ouvintes em relação às pessoas surdas. Trata-se, igualmente, do viés e do preconceito de algumas pessoas surdas em relação a outras pessoas surdas. Esse fenômeno se manifesta de diversas maneiras (Humphries, 1975, p. 2, tradução nossa³).

A observação de Humphries acerca da multiplicidade das manifestações do audismo é crucial para apreender não apenas a amplitude desse fenômeno, mas também sua notável capacidade de reconfiguração histórica. Embora, no período em que o autor escreveu, os sistemas algorítmicos e as inteligências artificiais ainda não ocupassem o centro das discussões sociais e tecnológicas, sua formulação conceitual permanece surpreendentemente fecunda para analisar opressões contemporâneas.

Resgatar a gênese desse termo permite vislumbrar de que modo ele pode ser atualizado e expandido para nomear fenômenos recentes, como o audismo algorítmico, expressão que designa as formas pelas quais tecnologias baseadas em inteligência artificial reproduzem e intensificam hierarquias de audição e silêncio. Nesse horizonte, é possível sustentar que o audismo algorítmico constitui uma derivação atualizada do audismo original, funcionando como uma de suas expressões mais sofisticadas e invisíveis. Considerando isso, é possível afirmar que, se a necroalgoritmização configura o sistema mais abrangente de opressão que organiza exclusões e hierarquias na era da IA (Araújo, 2025a), o audismo algorítmico pode ser interpretado como uma de suas engrenagens operacionais mais específicas (Carioca, 2025).

Nessa chave analítica, o audismo algorítmico se manifesta quando sistemas de reconhecimento de voz, legendagem automática ou interfaces de acessibilidade baseadas em IA reproduzem padrões normativos de audição e linguagem oral, invisibilizando a Libras ou outras línguas de sinais, e marginalizando, assim, a comunidade surda. Trata-se de uma atualização tecnológica do fenôme-

3 Tradução livre de: “What is this audism? It is the bias and prejudice of hearing people against deaf people. It is the bias and prejudice of some deaf people against other deaf people. It is manifested in many ways.” (Humphries, 1975, p. 2).

no descrito por Humphries (1975), isto é, um preconceito que, ontem, se expressava em interações interpessoais e políticas educacionais, e que, hoje, encontra novos meios de operação nos circuitos opacos do código e da curadoria algorítmica.

O audismo é também uma expressão histórica de colonialidade⁴ e, como já aludido, o Congresso de Milão, em 1880, é exemplar nesse sentido. Ao decretar a proibição das línguas de sinais nas escolas e a adoção obrigatória da oralização, impuseram uma epistemologia ouvinte que tratava a surdez como defeito, não como diferença. Essa mesma lógica foi perpetuada por figuras como o abade L'Epée, que embora exaltado como “pai dos surdos”, via a educação como instrumento de evangelização, não de emancipação (Rée, 2000).

Carlos Skliar (2015) denomina esse fenômeno de ouvintismo, ou sejam, um conjunto de representações e expectativas sociais que forçam os Surdos a se narrarem como se fossem ouvintes. Trata-se de uma violência epistêmica que atua por meio de línguas, currículos, práticas institucionais e tecnologias. Desse modo, a surdidade (*deafhood*), conceito formulado por Ladd; Lane (2013), emerge como contraponto a essa violência, afirmando uma identidade positiva, coletiva e decolonial.

Este é precisamente o papel do conceito de Deafhood, respeitar os saberes, a sabedoria e as experiências culturais tradicionais surdas, ao mesmo tempo em que reconhece que, ao longo de aproximadamente 130 anos, as culturas surdas foram negativamente impactadas e, de fato, moldadas ativamente pelo audismo e pelo colonialismo (Ladd; Lane, 2013, p. 572 573, tradução nossa⁵).

No ecossistema digital, o audismo assume novas formas, reconfiguradas pelas arquiteturas algorítmicas que regulam a produção e a circulação dos sentidos. Algoritmos de busca, reconhecimento facial, tradução automática e moderação de conteúdo operam segundo lógicas que frequentemente invisibilizam ou marginalizam a Libras e outras línguas de sinais, reiterando a hegemonia fonocêntrica no interior das plataformas. O uso pejorativo de termos como “mudiho” no Instagram é sintomático de uma paisagem linguístico-semiótica satu-

4 Colonialidade dialoga com as colocações de Quijano (2005), pois incide na classificação racial e na hierarquização dos saberes e dos sujeitos, articulando exploração econômica, controle político e imposição epistêmica em uma lógica eurocêntrica que estrutura a modernidade.

5 Tradução livre de: “This is precisely the role of the Deafhood concept – to respect traditional Deaf cultural knowledge, wisdom, and experience while also acknowledging that, over some 130 years, Deaf cultures have been negatively affected and indeed even actively shaped by audism and colonialismo” (Ladd; Lane, 2013, p. 572 573).

rada por discursos que inferiorizam os sujeitos Surdos e os deslegitimam como agentes de linguagem. Essa paisagem é modelada não apenas por usuários individuais, mas também por operadores e curadores humanos que, em conjunto com sistemas automatizados, selecionam, hierarquizam e amplificam determinados enunciados em detrimento de outros (Shohamy; Gorter, 2009; Blommaert, 2015; Maly; Blommaert, 2019).

Consideramos que, no contexto da necroalgoritmização, nomear o audismo algorítimo é, portanto, um gesto político-discursivo de denúncia e visibilização. É também uma forma de retirar as máscaras da benevolência audista que ainda perduram em discursos institucionais, educacionais e tecnológicos. Ao evidenciar como o poder fonocêntrico se infiltra nos algoritmos, buscamos contribuir para a descolonização dos sentidos e para a promoção de uma justiça epistêmica que reconheça a pluralidade das existências humanas.

Assim como acontece no racismo algorítmico (Silva, 2022; Araújo; Araújo 2024) e em outras expressões da necroalgoritmização (Araújo, 2025a), no interior dos ambientes digitais, o *audismo algorítimo* não deve ser compreendido como um simples desvio técnico ou erro de programação, mas como uma prática discursiva situada, operando por meio de relações de poder e dispositivos de controle simbólico. Na tradição foucaultiana, os discursos não são representações passivas da realidade, mas práticas que constituem os próprios objetos de que tratam, delimitando os regimes do dizível e moldando as formas de existência possíveis (Foucault, 2008). Isso significa que os sistemas algorítmicos, ao estabelecerem critérios de visibilidade, legibilidade e circulação de sentidos, medeiam a informação e intervêm diretamente na constituição social da diferença, inclusive da diferença Surda.

Essa concepção encontra ressonância na análise do discurso proposta por Dominique Maingueneau (2008), para quem toda produção discursiva é inseparável de uma cena de enunciação atravessada por instituições, posições sociais e formas de autoridade simbólica. Os algoritmos, nesse contexto, atuam como operadores sociotécnicos que reforçam certas formas de legitimidade cultural, linguística e política, frequentemente em consonância com uma normatividade fonocêntrica. O que é enunciado, apagado ou tornado marginal nas plataformas digitais depende, em grande medida, desses circuitos institucionais e técnicos de legitimação.

Em diálogo com essa perspectiva, Fairclough (2001) em sua teoria propõe uma abordagem tridimensional do discurso, compreendendo-o simultane-

amente como prática textual, prática discursiva e prática social, ou seja, como forma de ação que contribui para construir o mundo social e suas relações desiguais de poder. No caso do audismo algorítmico, isso implica reconhecer que a linguagem das plataformas, automatizada, estatística, orientada ao engajamento, reforça modos de exclusão que não são apenas comunicacionais, mas profundamente estruturais.

A Linguística Aplicada Crítica, aqui também tomada enquanto categoria teórica, conforme desenvolvida por Pennycook (2006), sustenta que os discursos não devem ser analisados apenas como formas de representação, mas como práticas materiais e encarnadas, dotadas de agência social, que produzem efeitos concretos no mundo e participam da constituição de subjetividades e desigualdades. Nesse horizonte teórico, o audismo algorítmico deve ser lido como uma engrenagem discursiva que opera nos bastidores da tecnologia digital, sustentando uma economia de silenciamentos que reduz a pluralidade das formas de linguagem à sintonia única da oralidade dominante.

Entre as expressões mais insidiosas desse fenômeno, emerge o que aqui denominamos necrohumor algorítmico, como práticas discursivas que, sob a aparência da piada, disfarçam a necroalgoritmização em curso nas plataformas. Trocadilhos com a surdez, piadas capacitistas, expressões como “mudinho” ou memes que zombam da linguagem de sinais são exemplos de uma prática discursiva do riso que mata simbolicamente. Trata-se de um tipo de humor que, ao invés de subverter o poder, reforça o pacto hegemônico entre a normatividade sonora e o entretenimento viral, impulsionado pelos próprios algoritmos por sua alta capacidade de engajamento e, portanto, lucro.

Além do necrohumor, o audismo algorítmico revela outra camada de complexidade, que é a coexistência entre um viés explícito, operado por programadores, curadores de conteúdo e decisões técnicas, e um efeito ressentido, vivido cotidianamente pela comunidade Surda como forma de exclusão sistemática. Mesmo quando os dispositivos digitais não nomeiam diretamente essa exclusão, seus efeitos são sentidos na forma de silenciamento, invisibilidade e recusa do reconhecimento. Há, assim, uma assimetria perceptiva, pois o sistema finge neutralidade, enquanto as subjetividades afetadas acumulam camadas de dor, frustração e resistência.

Tal dinâmica se ancora numa sintonia estrutural com o universo fonocêntrico, pois é como se os algoritmos captassem apenas uma frequência, a da voz, da fala, do som, ignorando as demais linguagens possíveis. Essa metáfora

da frequência dominante ajuda a compreender como a inteligência artificial, ao operar com modelos treinados sob o império da oralidade, acaba por traduzir a diferença como erro, ruído ou ausência. A Libras, por exemplo, aparece como não-linguagem para sistemas que só reconhecem padrões verbais lineares. Esse descompasso entre a pluralidade humana e a monotonia algorítmica torna o audismo uma das engrenagens mais silenciosas, e por isso mais perversas, da necroalgoritmização.

3 Paisagem algorítmica da exclusão: análise do Audismo no Instagram

Os estudos em torno da paisagem linguística/semiótica (PL/S) estão em constante mudança. Se outrora tínhamos uma percepção que se tratava das linguagens expostas no espaço urbano como painéis, outdoor, avisos, marketing em caminhões, placas de estabelecimentos (Shohamy; Gorter, 2009); atualmente, outra dimensão é acionada: o significado hoje também é construído por meio de práticas digitais, com interfaces, algoritmos e *bots* sociais (Maly; Blommaert, 2019).

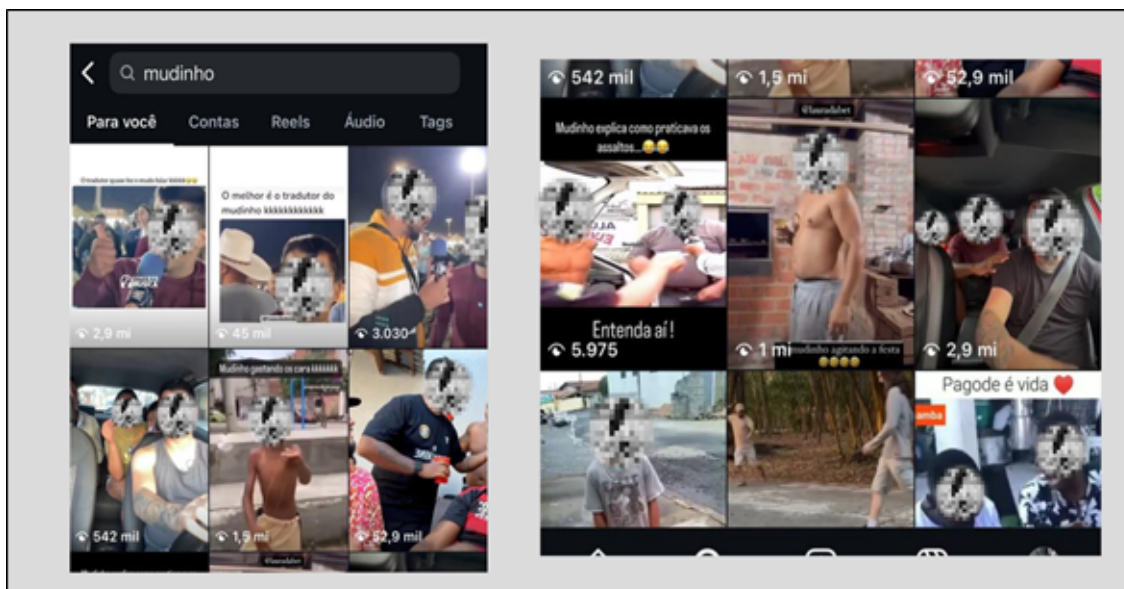
Pertencente a esse contexto, Azzari (2017) explica que há uma relação indissociável entre tempo-espaço ao expandir a noção de PL/S para o ciberespaço, identificando este ambiente como um lugar público, a exemplo de paisagens urbanas, em que se misturam, hibridizam e se (sobre)põem as noções de público /privado e também nas quais se renovam e transformam.

Ao observarmos a PL/S do Instagram e ao ser lançada no buscador o termo *mudinho*, percebemos uma tentativa de enquadrá-lo na condição de humor. A escolha pelo termo *mudinho* se deu por se tratar de um adjetivo audista depreciativo que atravessa o languageiro cotidiano ao fazer menção aos Surdos, desde matérias jornalísticas aos jargões de senso comum.

A partir desse recorte, propomos uma análise crítica das paisagens linguístico-visuais resultantes da busca pelo termo “*mudinho*” no Instagram. Trata-se de observar como os algoritmos de curadoria e ranqueamento indexam e reproduzem conteúdos, amplificando regimes fonocêntricos de sentido. Essas imagens, combinadas a legendas, emojis e comentários, constituem uma gramática da necroalgoritmização, em que o riso, o escárnio e a caricaturização dos sujeitos Surdos se tornam capitalizáveis. O que se vê na tela é mais do que uma coleção de resultados: é uma manifestação maquínica de exclusão social. A seguir, analisamos duas dessas imagens para evidenciar como o audismo algorítmico opera estética e discursivamente nas plataformas digitais.

A imagem exibida é um recorte visual do mecanismo de busca do Insta-

Figura 1 - Caricaturização da surdez e curadoria algorítmica da exclusão



Fonte: captura de tela realizada pelos autores (2025).

gram, ativado pela palavra-chave “mudinho”. Ao digitá-la, o sistema oferece um painel de vídeos curados algoritmicamente sob a aba “para você”, revelando a forma como a plataforma classifica, hierarquiza e amplia determinados conteúdos com base em suas políticas de engajamento. Longe de uma curadoria neutra ou técnica, esse resultado é um produto de escolhas automatizadas com efeitos profundamente políticos e excludentes. Entre os vídeos exibidos, observamos expressões como:

- “O melhor é o tradutor do mudinho kkkkkkkkkk”;
- “Mudinho gestando os caras kkkkk”;
- “Mudinho explica como praticava os assaltos... 🤪🤪”;
- “Entenda aí!”;
- “Mudinho agitando a festa”;
- “Pagode é vida ❤️” (com cenas de imitação grotesca de pessoas Surdas).

Há, ainda, vídeos sem legendas, mas com elementos visuais marcadamente estigmatizantes, como a presença de homens sem camisa, em situações de vulnerabilidade, improvisando gestos e sendo filmados com o explícito intuito

de entretenimento. As cenas reiteram estereótipos sobre a surdez, associando-a à marginalidade, à incoerência comunicativa e ao riso debochado.

Entre as expressões expostas acima, observemos a frase “*Mudinho explica como praticava os assaltos...* 😂😂”, pois ela ilustra, de modo paradigmático, como o audismo algorítmico se manifesta como uma dimensão específica da necroalgoritmização. O termo “mudinho”, historicamente pejorativo, reduz a pessoa surda à ausência de fala e ignora a existência de uma língua visual-espacial legítima, a Libras, reforçando uma visão deficitária da surdez. Esse enquadramento linguístico desumaniza o sujeito e o associa diretamente à criminalidade, ativando um repertório de estereótipos que atravessa a experiência Surda e alimenta preconceitos de longa duração.

No contexto das redes sociais, tal enunciado ganha performatividade algorítmica, ao provocar reações emocionais, neste caso, expressas pelos emojis duplicados 😂😂, ele tende a ser priorizado pelos sistemas de recomendação, que leem o riso coletivo como sinal de engajamento positivo. Esses emojis funcionam como marcadores afetivos que intensificam o escárnio e transformam a condição surda em *punchline*, convertendo a violência simbólica em entretenimento compartilhável. O algoritmo, ao privilegiar esse tipo de interação, monetiza e escala a exclusão, tornando o humor capacitista um produto de circulação massiva.

Uma maneira de compreender essa lógica é a partir da tese de que “o algoritmo é um texto” (Araújo, 2025b), pois, ao reconhecê-lo como texto, evidencia-se que o algoritmo não apenas calcula ou ordena dados, mas enuncia sentidos na medida em que seleciona, hierarquiza e legitima discursos, conferindo visibilidade a certos enunciados e silenciando outros. Essa leitura crítica permite compreender que a opressão não é um efeito colateral, mas uma performatividade intrínseca da textualidade algorítmica.

Essa dinâmica revela que a necroalgoritmização não se restringe ao plano físico, decidir quem vive ou morre, mas também opera no nível simbólico, definindo quem pode ser alvo de empatia e quem se torna objeto de riso ou desprezo. Ao invisibilizar as línguas de sinais e reforçar a hegemonia da oralidade, o audismo algorítmico pereniza hierarquias coloniais da audição (Ladd; Lane, 2013) e legitima formas digitais de silenciamento e marginalização, alinhando-se à lógica necropolítica descrita por Mbembe (2018).

Essa paisagem linguístico-semiótica (Shohamy; Gorter, 2009; Blommaert, 2015; Maly; Blommaert, 2019) evidencia que a linguagem da exclusão opera de modo multimodal, pois está tanto na palavra quanto na imagem, reforçando a

lógica da anormalidade como espetáculo viral. A ausência da utilização da Libras ou de qualquer mediação crítica é emblemática, uma vez que não há ali reconhecimento de uma língua, de uma identidade ou de uma comunidade. O que se vê é a captura da diferença Surda como ruído social, como material de zombaria e como ruína comunicacional.

Sob esse ponto de vista, o audismo algorítmico atua como um dispositivo discursivo que se estrutura sobre a herança histórica do audismo cultural, aquele que, desde o Congresso de Milão (1880), reprimiu o uso das línguas de sinais, mas agora é reformulado pela mediação técnico-algorítmica das plataformas digitais. O que antes era censura institucionalizada na escola, hoje se manifesta como invisibilização nas redes, reforçando o que Araújo (2025a) denomina de necroalgoritmização, ou seja, a seleção automatizada e sistemática de conteúdos que silenciam ou estigmatizam corpos, vozes e experiências fora do padrão hegemônico.

Importa destacar que essa curadoria automatizada é orientada por métricas de engajamento, como acessos, curtidas e compartilhamentos, articuladas a lógicas de visibilidade algorítmica que privilegiam o que viraliza, o que provoca reações emocionais e o que prolonga a permanência do usuário diante da tela, isto é, um circuito performativo que sustenta a própria economia da atenção. Assim, o sistema exhibe e amplifica os discursos discriminatórios, tornando-os normais, aceitáveis e até desejáveis. As milhares de visualizações (com números que variam de 5 mil a 52 mil por vídeo) revelam não só a potência da disseminação, mas a naturalização de um tipo de conteúdo que transforma a surdez em piada, a identidade Surda em ruído e a diferença em desvio caricatural.

Com isso, o algoritmo reflete um imaginário social excludente e, ao fazê-lo, produz, organiza e o performa, pois ele é um texto que plasma discursos, isto é, práticas sociais situadas e institucionalmente mediadas Fairclough (2001). Aqui, a instituição é a plataforma e sua gramática algorítmica, que determina o que merece ser visto e o que deve ser silenciado. O audismo algorítmico, então, não se limita à produção humana do preconceito, mas ele é sistematizado por redes de decisão automatizadas, reforçando o que chamamos de uma curadoria fonocêntrica da experiência digital.

Outro aspecto eloquente é a repetição massiva e não questionada do termo “mudinho” nos resultados do Instagram. Esse dado não se configura apenas como um recurso lexical banal ou um vício linguístico inofensivo na medida em que atua como um marcador simbólico de exclusão reiterada, produzindo um campo semântico que reforça a desautorização dos sujeitos Surdos enquanto agentes epistêmicos, políticos e linguísticos (Ladd; Lane, 2013). Ao ser reiterado

algoritmicamente, esse termo atua como um dispositivo discursivo de domesticação da diferença, em que a surdez é não apenas despojada de sua potência como identidade cultural, mas capturada em uma forma reduzida àquilo que é risível, desviado ou ininteligível.

Essa iteração incessante transforma o sujeito Surdo em personagem estigmatizado, uma espécie de signo residual da linguagem que se torna símbolo de incapacidade, estranhamento ou incompletude. Para o algoritmo do Instagram, o “mudinho” não representa um sujeito com uma língua, a Libras, com uma história e com formas legítimas de habitar o mundo; representa, ao contrário, um outro menor, construído discursivamente para figurar como exceção, como ruído, como déficit comunicativo. O que se repete, portanto, não é apenas uma palavra, mas uma operação semiótica de apagamento e subalternização sustentada por regimes fonocêntricos de sentido.

Essa lógica de repetição não é espontânea, uma vez que ela é curada, amplificada e reproduzida pelos sistemas de recomendação algorítmica, que operam com base em métricas de engajamento e padrões de associação semântica. Desse modo, o que se apresenta como tendência na busca por “mudinho” é, na verdade, um efeito da necroalgoritmização (Araújo, 2025a) cuja textualidade invisível de exclusão naturaliza a violência simbólica ao integrá-la como parte da paisagem digital cotidiana. Como bem observa Bourdieu (1999), a violência simbólica é mais eficaz quanto menos percebida e os algoritmos, ao reencenar e escalar esse termo em milhares de vídeos, produzem um consenso silencioso sobre a legitimidade da inferiorização dos sujeitos Surdos.

É importante notar que essa repetição tem efeito performativo, já que ela descreve, nomeia e, sobretudo, constrói uma realidade discursiva na qual o sujeito Surdo é constantemente colocado em posição de objeto da fala alheia, nunca de sujeito enunciativo de sua própria linguagem. Trata-se, como defende Butler (1997), de um gesto linguístico que faz e desfaz sujeitos. Nesse caso, ao reproduzir falas humanas, o algoritmo participa ativamente da constituição do campo discursivo que autoriza determinadas representações e exclui outras (Araújo, 2025b). Ao priorizar vídeos com o termo “mudinho” em contextos de necrohumor, marginalização ou sensacionalismo, o sistema participa da produção algorítmica de uma alteridade hierarquizada, subalterna e instrumentalizada para o entretenimento fonocêntrico.

À luz de nossa análise, a repetição do termo “mudinho” não pode ser dissociada de seu valor ideológico, sobretudo porque ela inscreve no código da

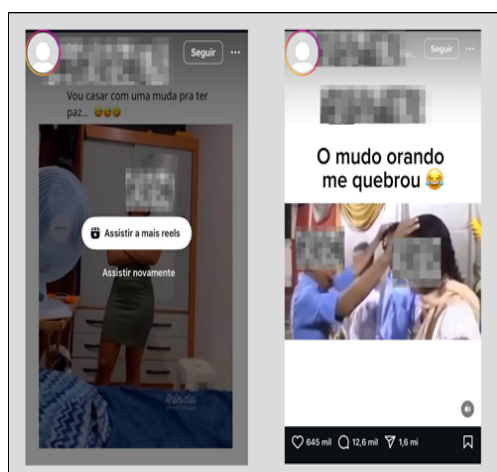
plataforma uma concepção de surdez não como diferença legítima, mas como falha, como falta, como defeito. E ao fazer isso, torna-se uma peça-chave na engrenagem discursiva do audismo algorítmico, no qual a diferença Surda é sistematicamente neutralizada, ridicularizada ou excluída, em um processo em que a invisibilidade não é ausência, mas resultado direto de uma curadoria ativa e excludente. Assim, o que se repete não é apenas o termo “mudinho”, mas o próprio gesto histórico de silenciamento das vozes surdas.

A análise da Figura 1 nos permitiu compreender como o audismo algorítmico se manifesta de forma explícita por meio da repetição massiva do termo “mudinho”, configurando um cenário de deslegitimação linguística e epistêmica da surdez. O apagamento simbólico dos sujeitos Surdos, nesse caso, é potencializado pela curadoria algorítmica (Hissa; Gomes, 2024) que organiza, replica e amplifica enunciados fonocêntricos em detrimento de outros modos de existência e expressão.

Avançando para a Figura 2, ampliamos nosso olhar para observar não apenas a continuidade desse processo, mas suas camadas de complexificação. Como demonstraremos, o audismo algorítmico também se realiza pelo escárnio e pelo uso performativo de elementos paratextuais, como emojis, que intensificam o efeito de ridicularização e inferiorização da pessoa Surda. É nesse cenário que se evidencia a necroalgoritmização como fenômeno interseccional, capaz de capturar corpos, identidades e línguas marcadas pela diferença, como a comunidade Surda, dentro de uma lógica digital de invisibilização, silenciamento e desumanização.

A segunda imagem analisada aprofunda a compreensão do audismo al-

Figura 2 - Estigmatização da surdez e curadoria algorítmica do escárnio



Fonte: captura de tela realizada pelos autores (2025).

gorítmico enquanto manifestação interseccional da necroalgoritmização, evidenciando como diferentes marcadores de opressão se articulam no discurso audista. Em ambas as capturas de tela, observa-se a recorrência do termo “mudo” como chave discursiva central do necrohumor, operando simultaneamente na desqualificação e na exotização da experiência Surda. Esse uso reiterado reforça estereótipos históricos e consolida uma paisagem semiótica digital ancorada em regimes fonocêntricos de inteligibilidade, nos quais a audição e a fala são tomadas como parâmetro normativo para a legitimação de existências e para a produção de sentidos compartilháveis.

No primeiro exemplo, a frase “*Vou casar com uma muda pra ter paz*” já constitui, em si, um enunciado profundamente audista e misógino, pois pressupõe que a ausência da fala (a “mudez”) seria um atributo desejável em uma mulher, por permitir ao homem um espaço de poder inquestionado, livre da presença da linguagem do outro. A condição Surda, nesse enunciado, é cruelmente convertida em metáfora de submissão absoluta, um apagamento da voz literal e simbólica do sujeito. O audismo se entrelaça com a misoginia algorítmica, produzindo uma narrativa duplamente opressiva, já que a surdez é vista como falha, e o silêncio da mulher, como virtude.

Esse entrelaçamento revela um funcionamento interseccional da necroalgoritmização, isto é, uma articulação de exclusões que não se limitam a um único marcador de diferença, mas que operam na confluência entre deficiência, gênero e linguagem. Conforme propõe Araújo (2025a), a natureza da necroalgoritmização é interseccional e ela atua como um dispositivo de gestão da morte simbólica e social de sujeitos historicamente subalternizados, esvaziando suas identidades, experiências e narrativas por meio de curadorias algorítmicas que organizam a visibilidade de maneira assimétrica. No caso analisado, a mulher surda é reduzida a uma ausência de voz, de agência, de humanidade, produzida e legitimada pelo riso digital coletivo. Para Araújo (2025a, p. 83-84), “quando as tecnologias de IA internalizam essas distorções, acabam reforçando estereótipos de gênero, limitando as representações e as oportunidades para as mulheres”. Assim, o que emerge não é apenas uma piada ofensiva, mas uma engrenagem discursiva que performa a desumanização algorítmica de corpos e sujeitos interseccionados por múltiplas camadas de opressão.

Já no segundo exemplo, o enunciado “*O mudo orando me quebrou* 🤔” aparece sobreposto a um vídeo em que um homem surdo, em contexto religioso, parece estar fazendo uso de gestos em Libras. A legenda funciona como tradu-

ção pejorativa e redução da experiência religiosa Surda a um espetáculo risível. A ironia sugerida pelo “*me quebrou* 😂” captura a performance da fé Surda como aberração ou excesso, deslocando sua expressividade simbólica para o campo do necrohumor. A surdez, nesse caso, é tratada como ruído litúrgico, e não como linguagem espiritual legítima. Trata-se de uma forma sofisticada de necroalgoritmização, já que o sujeito Surdo está vivo, mas sua expressão religiosa é morta discursivamente por meio da zombaria amplificada.

Ambos os vídeos apresentam milhões de visualizações, o que revela a dimensão da adesão social a esses conteúdos e a intervenção ativa dos sistemas algorítmicos na curadoria e visibilização dessas práticas discursivas. O que circula e ganha alcance não são apenas manifestações espontâneas da audiência, mas resultados de operações estatísticas que associam engajamento à relevância, independentemente de seu conteúdo ser discriminatório ou violento. Assim, os algoritmos reproduzem e naturalizam os regimes fonocêntricos de sentido, ao premiar performances discursivas que ridicularizam, reduzem ou invisibilizam formas de existência que escapam à normatividade oralista.

Esse cenário expõe com crueza a articulação entre paisagem linguística digital e necroalgoritmização. Como argumenta Shohamy (2006), a paisagem linguística é sempre um espaço de disputa, onde determinadas línguas e formas de expressão são legitimadas enquanto outras são marginalizadas ou apagadas. No caso das redes sociais, essa disputa é mediada por máquinas de visibilidade que selecionam e escalam conteúdos de acordo com padrões culturais hegemônicos, neste caso, a supremacia da fala e da oralidade como critérios implícitos de pertencimento simbólico. A Libras, as expressões gestuais da fé, a existência linguística Surda como um todo, não encontram lugar legítimo nesses circuitos, a não ser como alvo de escárnio ou de preconceito linguístico.

Dessa forma, o audismo algorítmico se configura como um dos braços operacionais da necroalgoritmização na medida em que atua performativamente ao selecionar conteúdos que reiteram a surdez como falha, ao mesmo tempo em que soterra práticas discursivas contra-hegemônicas, como vídeos educativos em Libras ou manifestações artísticas Surdas, que raramente atingem o mesmo nível de circulação. Isso ocorre porque a inteligência artificial que estrutura as plataformas não é neutra, uma vez que ela aprende com os dados enviesados que lhe são fornecidos, retroalimenta estereótipos e naturaliza a exclusão como norma de funcionamento comunicacional.

Em última instância, o que se manifesta nas imagens analisadas é um

projeto algorítmico de curadoria do mundo que submete a diferença linguística à lógica do entretenimento e da estatística (Hissa; Gomes, 2024). Os dados analisados mostram que a surdez não é representada como linguagem, mas como falta; não como cultura, mas como ruído; não como presença, mas como ausência funcionalizada. Afirmamos que, ao naturalizar esse gesto, a máquina contribui para a manutenção de uma ordem simbólica fonocêntrica, transformando o riso em ferramenta de silenciamento e a viralização em mecanismo de apagamento.

Nessa perspectiva, os emojis aqui analisados não são meramente ornamentais, mas operam como verdadeiros marcadores de sentimentos públicos, legitimando o riso coletivo sobre corpos surdos a partir de um fonocentrismo digital amplificado. Conforme aponta Paiva (2016), os emojis assumem funções variadas nos enunciados, podendo indicar emoção, ironia, intensificação, ou mesmo funcionar como índice de posicionamento discursivo.

O emoji 😂, ao acompanhar a frase “*O mudo orando me quebrou*”, adiciona uma camada de comicidade e reposiciona o sujeito Surdo como figura cômica, deslocando-o da condição de sujeito epistêmico para a de um objeto risível. A oração, gesto de espiritualidade e agência simbólica, é recodificada como aberração cômica, o que se configura não apenas uma violência semântica, mas um apagamento algorítmico que molda a sensibilidade pública por meio da curadoria de afetos.

Contudo, o efeito de escárnio e dessubjetivação se intensifica com a sequência de emojis 😂😂😂 na frase “Vou casar com uma muda pra ter paz”, que não atua apenas como marca emocional, mas como operador discursivo de uma textualidade algorítmica do desprezo, conforme propomos neste artigo. O emoji 😂, repetido duas vezes, introduz uma tentativa ambígua de atenuação do conteúdo, como se o enunciador reconhecesse, ainda que ironicamente, o caráter socialmente condenável da sua escrita. No entanto, a duplicação do emoji aciona um reforço do gesto cômico, como quem antecipa a reação do público e diz: “eu sei que estou passando do limite, mas isso faz parte da piada”.

O emoji 🤔, por sua vez, expande a zona de riso para além do desconforto individual na medida em que é o riso escancarado, de quem gargalha junto com a plateia digital. Ele sinaliza que o conteúdo audista, mesmo carregado de preconceito, foi bem-sucedido em seu projeto necrohumorístico e isso é validado por um regime fonocêntrico de sentido, reforçado pelos sistemas algorítmicos das plataformas, que curam e amplificam tais enunciados com base em padrões de engajamento, e não de justiça ou dignidade humana.

Conforme analisa Paiva (2016), os emojis representam emoções, compõem, performam e modulam estados afetivos coletivos, funcionando como verdadeiros *textos visuais de afetação pública*. No caso da sequência 😊😊😊, estamos diante de uma coreografia afetiva em que o riso é gradualmente amplificado e automatizado, compondo uma semiótica de escárnio que escapa à responsabilidade individual para se dissolver em um gesto coletivo e maquínico.

Esse tipo de performance afetiva opera como um efeito de aplauso algorítmico, uma estrutura de validação simbólica em que o desprezo se transmuta em consenso, e o emoji de riso se torna um índice do sucesso comunicacional de discursos discriminatórios. Trata-se, portanto, de uma estética da desumanização gamificada, onde a violência simbólica se disfarça de entretenimento viral e é convertida em dado útil para o regime de curadoria algorítmica.

A natureza multimodal dessa combinação simbólica entre frase, emojis e vídeo produz um encapsulamento da violência discursiva em forma de necrohumor, esvaziando a possibilidade de responsabilização ética. Como observa Paiva (2016), os emojis operam como marcadores paralinguísticos que moldam a entonação, a emoção e a intenção dos textos digitais, podendo inclusive reforçar estereótipos quando usados como ornamento de discursos discriminatórios.

Portanto, nesta instância do Instagram, o uso reiterado de emojis não é mero adorno gráfico, mas recurso semiótico de validação coletiva da exclusão. O riso digital performado pelos emojis se entrelaça com a lógica necroalgorítmica (Araújo, 2025a), em que o valor de engajamento se sobrepõe ao valor de existência e, nesse processo, sujeitos Surdos são caricaturizados, apagados e transmutados em memes de consumo efêmero.

Nesse contexto, os emojis não apenas comunicam emoções, mas performam o silenciamento de uma comunidade historicamente violentada. O riso digital é codificado, automatizado e retroalimentado por algoritmos que identificam, promovem e perpetuam padrões de engajamento que desumanizam a pessoa Surda. Assim, os emojis tornam-se sintomas visuais da necroalgoritmização, operando como ícones de uma estética de morte simbólica, travestida de entretenimento.

Considerações finais

Com este estudo, procuramos demonstrar que o audismo algorítmico constitui uma engrenagem discursiva da necroalgoritmização (Araújo, 2025a), articulando-se a dispositivos de silenciamento historicamente construídos e atuali-

zados pelas arquiteturas digitais. O que outrora se inscreveu como censura institucional, como no Congresso de Milão de 1880, hoje se refaz como invisibilização algorítmica, mediada por códigos, curadorias automatizadas e uma textualidade do riso que estetiza a violência simbólica. Os enunciados examinados, permeados por emojis e trocadilhos, evidenciam que o escárnio sobre a diferença surda é performado, capitalizado e retroalimentado por sistemas que operam segundo critérios de engajamento, e não de equidade ou dignidade humana.

A análise dos dados, ancorada na compreensão de que o algoritmo é um texto, evidencia como as operações algorítmicas constituem a realidade ao organizar regimes do dizível e delimitar as subjetividades possíveis. Os ambientes digitais se configuram como cenas de enunciação atravessadas por instituições técnicas e simbólicas, nas quais práticas sociais reproduzem assimetrias e a linguagem se manifesta como ação encarnada. Nessa dinâmica, o audismo algorítmico aparece como uma das formas pelas quais a necroalgoritmização incide sobre corpos e identidades Surdas, operando exclusões que atravessam tanto a visibilidade quanto o reconhecimento linguístico e cultural. A nomeação dessa forma de opressão, tal como evidenciada nos dados, assume caráter de resistência e reexistência, abrindo novas possibilidades discursivas no horizonte de uma justiça epistêmica radicalmente inclusiva.

A violência algorítmica dirigida à população Surda manifesta-se de modo recorrente por meio do necrohumor, cuja conversão em pilhéria, riso e zombaria evidencia a natureza performativa das práticas discursivas digitais. Nessas práticas, o riso não opera apenas como reação, mas como ato de exclusão que reforça hierarquias capacitistas e naturaliza a desumanização. Nas redes sociais, o algoritmo atua como mediador e amplificador dessa violência, potencializando a circulação de imagens e comentários que expõem sujeitos Surdos à ridicularização, ao mesmo tempo em que lhes nega condições discursivas e técnicas de resposta.

Referências

ARAÚJO, J. **Necroalgoritmização**: notas para definir o racismo algorítmico. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2025a.

ARAÚJO, J. O algoritmo é um texto. **Texto Livre**: Linguagem e Tecnologia, Belo Horizonte, v. 18, p. e58505, 2025b. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2025.58505>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/58505>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ARAÚJO, J.; ARAÚJO, J. C. D. de. Racismo algorítmico e inteligência artificial: uma análise crítica

multimodal. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 89-109, 2024. DOI: 10.46230/lef.v16i2.13108. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13108>. Acesso em: 24 nov. 2024.

AZZARI, E. F. Articulações possíveis entre manifestações em paisagens linguístico-semióticas no ciberespaço e (uma) educação linguística crítica. In: ROCHA, C. H.; EL KADRI, M. S.; WINDLE, J. A. (Orgs) **Diálogos sobre tecnologia educacional**: educação linguística, mobilidade e práticas translíngues. Campinas, SP: Pontes, 2017. p. 59-91. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/12469>. Acesso em: 8 mar. 2025.

AZZARI, E. F. Mobilidade, paisagens digitais e práticas (trans)linguísticas. **The ESpecialist**, [S. l.], v. 39, n. 2, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/37133>. Acesso em: 7 mar. 2025.

BLOMMAERT, J. Chronotopes, scales and complexity in the study of language in society. **Annual Review of Anthropology**, Tilburg papers in culture studies, paper 121, p. 105-116, 2015. Disponível em: <http://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-anthro-102214-014035>. Acesso em: 20 mai. 2017.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, J. **Excitable speech**: a politics of the performative. New York: Routledge, 1997.

CARIOCA, B. **Necroalgoritmização e audismo algorítmico**: estigmas e vilania que atravessam a Libras. Projeto de Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Maria do Carmo César. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GARCÍA-CANCLINI, N. **Cidadãos substituídos por algoritmos**. São Paulo: Editora Ubu, 2021.

HISSA, D. L. A; GOMES, E. P. M. IA e curadoria algorítmica em plataformas de mídia digital: o fim de performatividade discursiva? **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 18, 2024, p. e1853. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/74586>. Acesso em: 9 set. 2025.

HUMPHRIES, T. L. **The making of a word**: audism. [S.l.: s.n.], 1975. (Manuscrito não publicado).

LADD, P; LANE, H. Deaf ethnicity, deafhood, and their relationship. **Sign Language Studies**, [S.L.], v. 13, n. 4, p. 565-579, jun. 2013. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26191740>. Acesso em: 15 nov. 2025.

MAINGUENEAU, D. **Análise de discurso**: uma introdução. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MALY, I; BLOMMAERT, J. Digital ethnographic linguistic landscape analysis (ELLA 2.0). **Tilburg University Research Portal**. v. 233, p. 1-25, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337256865_Digital_Ethnographic_Linguistic_Landscape_Analysis_ELLA_20/link/5dc-d584192851c382f3b7f62/download. Acesso em: 15 nov. 2025.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PAIVA, V. L. M. de O. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 379-401, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/hnGPy5pRNfGbwKJ8JjHTjg-F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 setembro. 2025.

PENNYCOOK, A. **Global Englishes and transcultural flows**. London: Routledge, 2006.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2005. p. 107-130.

RÉE, J. **I See a Voice: deafness, language and the senses-a philosophical history**. Nova Iorque: Metropolitan Books, 2000.

SANTOS, R. **Maioria minorizada: um dispositivo analítico de racialidade**. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2020.

SHOHAMY, E. **Language Policy: hidden agendas and new approaches**. 1st ed., 2006. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203387962>.

SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Orgs.). **Linguistic Landscape: Expanding the Scenery**. New York: Routledge, 2009.

SILVA, T. **Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

Sobre os autores

Júlio Araújo - Professor Titular da Universidade Federal do Ceará, atuando no Programa de Pós-Graduação em Linguística. Fortaleza-CE. E-mail: araujo@ufc.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3016042855685546>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-7399-3769>.

Bruno Carioca - Doutorando em Linguística-UFC; Professor de Libras e suas Literaturas da Universidade Federal do Cariri; Juazeiro do Norte-CE. E-mail: bruno06carioca@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5475849061110489>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-1894-8804>.